

Sistemas e patrimônios de disposições: uma articulação complementar entre Bourdieu e Lahire

Avance de investigación em curso

GT 31 – Teoria sociológica contemporânea

Eduardo Vilar Bonaldi,

doutorando no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP), eduvilarbon@gmail.com

Resumo

Este artigo argumenta em favor de uma articulação complementar entre a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu e sua reformulação crítica proposta por Bernard Lahire. Argumento que se, por um lado, a perspectiva bourdiesiana é mais adequada para quadros de pesquisa mais amplos e para a análise de trajetórias de socialização transcorridas em espaços sociais homólogos entre si, a reformulação avançada por Lahire pode complementá-la, tornando inteligível as dinâmicas e possibilidades de individualização do destino coletivo. Para expor essa articulação de perspectivas, exploro o material empírico de minha pesquisa, em andamento, sobre as condições de acesso ao sistema universitário da classe trabalhadora brasileira.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu, Bernard Lahire e habitus.

1. Propondo uma articulação complementar entre Bourdieu e Lahire

Este artigo abordará o material empírico coletado a partir de entrevistas em profundidade para minha pesquisa, em progresso, sobre as condições e perspectivas de ingresso de jovens com baixo capital cultural no sistema de ensino superior brasileiro.

Ao longo do artigo, evidenciarei que padrões de socialização e escolarização desdobrados em espaços sociais homólogos, bem como quadros de pesquisa amplos que visam retratar um grupo ou classe social, podem ser reconstituídos a partir da noção tradicional de habitus de Pierre Bourdieu, enquanto padrões de socialização mais complexos e heterogêneos, bem como quadros de pesquisa interessados na apreensão das variações individuais nas dinâmicas de socialização, dentro do mesmo grupo ou classe social, podem ser compreendidos a partir da crítica que Bernard Lahire imputa à noção bourdiesiana de habitus.

Bourdieu e Lahire são as referências fundamentais de um enfoque de estudos que poderíamos denominar de “sociologia disposicional”, isto é, o estudo da incorporação - através dos processos de socialização primária e secundárias - das disposições, ou seja, das propensões pré-conscientes à ação, ao juízo estético ou moral e às visões de mundo nas diversas esferas em que circulam os indivíduos.

Dito de outro modo, a sociologia disposicional investiga como o passado social é internalizado na condição de matriz individual para o engendramento das ações no presente, bem como para projeção do indivíduo no futuro, ou seja, ela se revela como o enfoque interessado no estudo da produção social dos agentes: de suas ações, inclinações e visões de mundo.

De acordo com Bourdieu, a incorporação desse passado social é tornada inteligível a partir do conceito de habitus. O habitus revelaria a incorporação das estruturas objetivas sob a forma de disposições subjetivas, ou seja, a constituição do indivíduo a partir da internalização da experiência e do destino coletivo da classe em que ele fora socializado. O habitus apresenta-se, dessa maneira, como

um sistema de disposições coerente e unificado, operando como um princípio de geração e unificação das práticas sociais nos diversos campos de atividade humana atravessados por esse indivíduo (BOURDIEU, 1990).

Bernard Lahire observa, entretanto, que o conceito de habitus seria inadequado para compreender o processo de socialização de agentes que atravessam espaços sociais heterogêneos entre si, isto é, espaços de socialização secundária (escolas, ambientes de trabalho, redes de relações etc.) diversos daqueles que integram a experiência modular da classe social de origem do indivíduo.

Por consequência de suas complexas trajetórias de socialização, esses indivíduos apresentam, segundo Lahire, um conjunto de disposições e inclinações heterogêneas, e, por vezes, contraditórias, que não poderiam ser analiticamente tratadas na condição de um sistema coerente e unificado de disposições, como o faz Bourdieu (LAHIRE, 2006).

Sendo assim, Lahire argumenta que a noção de habitus como um "sistema" coerente e unificado deve ser convertida para a noção de habitus como um "patrimônio" de disposições heterogêneas e, por vezes, contraditórias entre si. Este seria o norte do projeto de uma "sociologia dos indivíduos", defendido por Lahire, segundo o qual se poderia tomar um único indivíduo como unidade de análise, a fim de investigar a produção social das disposições incorporadas por esse agente social específico, resultantes da complexidade e variedade das experiências de socialização do indivíduo em questão (LAHIRE, 2002).. A partir dos mesmos argumentos, Lahire também avança sua noção dos agentes sociais contemporâneos como "homens plurais", em virtude da complexidade de suas experiências de socialização, que caracterizaria os habitus a serem compreendidos enquanto patrimônios heterogêneos de disposições (LAHIRE, 2004).

Neste artigo, argumento, a partir da discussão do material empírico coletado para minha pesquisa em progresso, que, para os quadros de pesquisa destinados a construir visões mais amplas sobre um determinado grupo social ou classe, a perspectiva de Bourdieu prova-se como a mais adequada. No entanto, quando o estudo se orienta para explorar as diferentes dinâmicas de socialização que ocorrem dentro de um mesmo grupo ou classe, a perspectiva crítica de Lahire apresentar-se-á como mais produtiva.

Do mesmo modo, para os casos de indivíduos cujas trajetórias de vida desdobram-se em instâncias de socialização homogêneas entre si, o conceito de habitus como "sistema homogêneo" mantém a sua relevância analítica. Por outro lado, nos casos de socialização em instituições e espaços heterogêneos, a adoção de um olhar analítico próprio ao projeto de uma "sociologia dos indivíduos" pode ser mais útil.

Em outras palavras, este artigo propõe-se a articular uma relação de complementariedade entre as perspectivas de Bourdieu e Lahire, a partir da qual seria possível constituir uma estratégia investigativa de alcance explicativo alargado que possa reconciliar os níveis micro e macrossociais da análise sociológica.

2. Os jovens da classe trabalhadora brasileira e os “cursinhos populares”

Minha pesquisa de doutorado é um estudo de caso sobre um “cursinho popular”, isto é, um curso preparatório gratuito para os exames vestibulares de universidades públicas, destinado a alunos de escola públicas na zona norte da cidade de São Paulo e organizado por uma rede desses cursinhos denominada Rede Emancipa.

Cursinhos populares são novas formas de militância política, crescentemente adotadas, a partir da década de 1990, por entidades do movimento negro, associações de estudantes universitários, ONGs e movimentos sociais que esposam a causa da democratização do ensino universitário no Brasil (ARELARO *et al*, 2012).

Meu estudo é conduzido através de entrevistas em profundidade com alunos e com os “professores militantes” – em geral, ex-alunos de escola pública que lograram ingressar nas disputadas universidades públicas do estado de São Paulo em cursos de ciências básicas e educação – através das quais busco reconstituir as trajetórias de socialização e escolarização desses alunos e “professores militantes”, bem como suas práticas culturais e de estudo para o vestibular, suas visões de mundo e seus modos de projeção no sistema universitário e no mercado de trabalho.

Através da aplicação de um questionário junto aos alunos inscritos no cursinho em março de 2013, foi possível atestar que a maioria dos pais desses alunos é caracterizada por ocupações de baixo escalão no setor terciário ou na administração pública, 60% deles não possuem ensino médio, mais de 90% dos alunos realizaram seus estudos em escolas públicas de São Paulo, sendo que essas famílias habitam, em geral, bairros periféricos da zona norte e leste da cidade.

Certamente, essas famílias não integram o proletariado industrial: a clássica referência de classe trabalhada pelo marxismo. Porém, elas também não se confundem com a classe social que constitui a base da estrutura social brasileira que Jessé de Souza denomina como “ralé estrutural” (SOUZA, 2012a). Pois, além de não depender dos programas de transferência de renda e de habitar áreas periféricas, mas, em geral, não as mais degradadas da metrópole paulista, elas possuem níveis de estabilidade e segurança material que lhes propiciam - a despeito dos baixos volumes de capital econômicos e culturais – a superação do imediatismo das necessidades cotidianas de sobrevivência e alguma capacidade de projeção do futuro, através de tentativas de mobilização e investimento de seus capitais, ainda que modestos, em processos de ascensão social via educação, ou seja, via acesso ao ensino superior: não por coincidência, é esse justamente o objetivo do cursinho popular de que esses jovens participam.

Deste modo, essas famílias integram a classe social também investigada por Jessé de Souza (SOUZA, 2012b) em um de seus livros recentemente publicados. De acordo com Souza, portanto, elas comporiam a classe trabalhadora pós-fordista, de ocupações predominantemente situadas no setor terciário, pouco sindicalizada e, muitas vezes, sujeitas a regimes de trabalhos informais. Ademais, ela se caracteriza pelo baixo volume de capital cultural – seja ele institucionalizado sob a forma de diplomas ou incorporado sob a forma de disposições para a apropriação da cultura legítima - que lhe impede o acesso à classe social imediatamente superior, isto é, à classe média estabelecida, caracterizada pelas posições socioprofissionais altamente especializadas, cujo acesso só pode se dar, em geral, a partir do diploma universitário.

Sem embargo, dada a massificação do sistema escolar brasileiro nas últimas décadas e, especialmente, a expansão do sistema universitário a partir dos anos de 1990, os filhos dessa classe trabalhadora são presentemente dotados de maiores probabilidades de ingresso e conclusão do ensino superior do que seus pais o foram¹. Deste modo, como veremos, estes jovens e suas famílias buscam mobilizar seus modestos capitais econômicos e culturais na tentativa de se constituírem como a primeira geração no círculo familiar a alcançar o ensino superior, buscando obter, portanto, a principal credencial que pode lhes franquear a ascensão ao mundo da classe média.

3. A indagação do material empírico em função da teoria: fazendo emergir a realidade mais ampla da classe

Seguindo o propósito de demonstrar como as perspectivas de Bourdieu e Lahire podem ser complementares, considerando, cada uma delas, indicada a um determinado quadro de pesquisa ou a

¹ Isto é particularmente verdadeiro quando consideramos as políticas de inclusão no ensino superior gestadas ao longo da década passada, como o PROUNI e o FIES, e a implantação das cotas nas universidades federais, atualmente em progresso no país.

um determinado conjunto de trajetórias de socialização, inicio a exploração de meu material empírico a partir da perspectiva de Bourdieu.

Primeiro, buscarei demonstrar como essa perspectiva é adequada à constituição de um quadro de pesquisa orientado a tornar inteligível a realidade sociológica mais ampla de um grupo ou classe social. Em seguida, argumentarei que certos indivíduos apresentam trajetórias de socialização e escolarização exemplares da experiência coletiva dessa classe ou grupo, sendo, logo, casos de pesquisa para os quais a reelaboração proposta por Lahire à perspectiva de Bourdieu não é necessária.

Todos pesquisadores que já conduziram entrevistas em profundidade sabem como as trajetórias de socialização de indivíduos da mesma classe constroem-se a partir de condições e fatores extremamente variados e, por vezes, um tanto quanto idiossincráticos. Entretanto, há um conjunto de condições objetivas que delimitam uma mesma posição ocupada por diferentes famílias e indivíduos na estrutura social e, mais do que isso, essas condições objetivas são incorporadas, através do processo de socialização, sob as formas de disposições semelhantes a serem encontradas em indivíduos diferentes.

Mas, quais seriam as estratégias de investigação mais ajustadas a fazer emergir a realidade sociológica mais ampla da classe a partir de um casos individuais de pesquisa?

Desde a produção de material empírico até sua posterior análise posterior, a pesquisa deve se orientar em função da identificação das condições objetivas a partir das quais a é possível delimitar a posição comum aos sujeitos pesquisados na estrutura social e, paralelamente, como essas condições objetivas se desdobram na experiência vivida dos agentes, em nosso caso, em suas práticas de estudo, padrões de consumo cultural, visões sobre o sistema universitário e o mundo do trabalho, bem como nas dificuldades, possibilidades e barreiras que encontram durante a preparação para o vestibular.

Indagando sistematicamente o material empírico produzido em função da perspectiva teórica bourdiesiana, identifiquei os seguintes condicionantes objetivos que delimitam a posição estrutural comum às famílias dos jovens estudados:

1. Avós trabalhadores rurais e pais migrantes, estabelecendo-se como a primeira geração da família na cidade.
2. Escolaridade dos pais é superior a dos avós, porém alcança, no máximo, o segundo grau completo. A ocupação dos pais dá-se, predominantemente, em posições socioprofissionais de baixo escalão, no setor terciário ou na administração pública.
3. Hábitos de lazer dos pais predominantemente marcados pelas festas e eventos familiares; suas práticas de consumo cultural são predominantemente restritas à televisão.
4. os jovens realizam sua educação predominantemente em escolas públicas, com poucas oportunidades de cursos extraescolares, como cursos de idioma ou de esportes.
5. Os lazes de infância e adolescência são marcados pelo convívio com primos da mesma idade ou amigos da vizinhança. Quanto ao consumo cultural, as formas audiovisuais da cultura de massa – a televisão, o videogame, o cinema hollywoodiano e os estilos de música comerciais – predominam amplamente sobre o contato com as formas da cultura escrita, mesmo àquelas de características mais comerciais.
6. Há uma valorização no círculo familiar, compartilhada pelos jovens, da ética do trabalho e da autonomia financeira que, junto às pressões de consumo próprias à estilização da vida e ao investimento no mercado afetivo-sexual juvenil (roupas, baladas, ter uma moto ou dinheiro para sair com a namorada), conduzem esses jovens ao ingresso no mercado de trabalho “precoce”, quando confrontado aos padrões convencionais de seus pares de classe média.

Esses seis condicionantes delimitam a posição e a experiência dos jovens da classe trabalhadora na estrutura social brasileira. Embora o estudo seja qualitativo e o universo de pesquisa não constitua, obviamente, uma amostra estatisticamente representativa, a capacidade de generalização do estudo é sustentada a partir das correspondências identificadas entre os elementos através dos quais a teoria

bourdiesiana² e pesquisadores que lhe são adeptos delimitam a posição da classe trabalhadora na estrutura social e os elementos recorrentes na análise do material empírico, assegurando, através dessa correspondência, que os elementos capitais para a análise não são particularidades do grupo especificamente estudado (os alunos do cursinho popular em que a pesquisa é focada) mas sim propriedades estruturais comuns, às famílias identificadas como de classe trabalhadora, que delimitam uma posição determinada na estrutura social. Essas propriedades já foram, inclusive, amplamente evidenciadas pela perspectiva teórica adotada e outros estudos empíricos realizados a partir dela.

Não obstante, como já se poderia supor, identificar correspondências entre a teoria e o material empírico não equivale a dizer que todas as famílias do estudo apresentam sempre e invariavelmente esses seis condicionantes identificados a partir dessa correspondência.

Quanto ao ponto 1, por exemplo, algumas famílias já haviam se estabelecido em São Paulo desde a geração de seus avós. Nestes casos, os avós não são (ou não eram) trabalhadores rurais, ocupando, porém, uma posição socioprofissional análoga à de trabalhador rural em estruturas econômicas urbanas, ou seja, eles eram trabalhadores manuais desqualificados no setor terciário ou na economia informal.

Serão, porém, as variações com relação ao ponto 5 que se revelarão como as mais importantes para a determinação de processos de socialização e de escolarização que transgridem os padrões modulares da experiência coletiva da classe. Nas próximas seções, discutirei como uma “escolarização privilegiada”, transcorrida em escolas técnicas ou particulares de seus bairros, por exemplo, podem desviar as trajetórias individuais da experiência e do destino coletivo da classe.

Não obstante, para os objetivos desta seção do artigo, ou seja, para descrever a realidade sociológica mais ampla da classe, é necessário, por ora, ignorar as variações referentes aos pontos destacados nos casos particulares de pesquisa. Posteriormente, essas variações serão tematizadas.

Neste momento, a análise deve indagar o material empírico buscando evidenciar, da forma mais vívida e concreta, como os condicionantes objetivos identificados desdobram-se na experiência vivida pelos sujeitos da pesquisa.

Em primeiro lugar, o sentido prático da experiência social vivida pelas famílias deixa evidente às mesmas que suas chances de ascensão social dependem crucialmente do acesso de seus descendentes a um diploma de ensino superior. O material empírico demonstra que as famílias organizam sua reprodução biológica, a gestão do orçamento doméstico e, até mesmo, a vigilância do despertar da vida sexual e afetiva dos filhos nesse sentido, ou seja, representando como imperativa a necessidade de que eles caminhem mais longe que seus pais no sistema educacional.

Os pais praticam ou praticaram controle de natalidade, tendo menos filhos do que os avós dos jovens pesquisados tiveram. Podendo lhes oferecer, desta maneira, melhores condições de vida, eles asseguram a seus filhos o cumprimento das necessidades materiais de alimentação, vestuário e moradia sem que esses precisem começar a trabalhar tão cedo quanto seus pais o fizeram, podendo, assim, se dedicar integralmente à escola.

Também foi possível apreender, através das entrevistas, que esses pais supervisionam atentamente o florescer da sexualidade de seus filhos - principalmente no caso das meninas - advertindo-os e buscando precaver-se da ocorrência de uma gravidez tida como “precoce”, o que certamente exerceria um impacto negativo nos planos de continuidade dos estudos. Não raramente, os pais mobilizam suas próprias trajetórias e apresentam o fato de terem tido muitos irmãos, de terem sido obrigados a começar a trabalhar cedo e de terem sido “pais jovens” como razões que os impediram de progredir nos estudos: as famílias mobilizam não apenas esses discursos, mas as práticas concretas de controle de natalidade, gestão do orçamento e vigilância da sexualidade para que esses mesmos motivos não irrompam na vida dos filhos, obstaculizando a progressão no sistema educacional.

² Ajustada e mobilizada para a análise das especificidades brasileiras nas obras anteriormente citadas de Jessé de Souza

Esta mobilização gera resultados concretos. Enquanto 60% dos pais não alcançaram o ensino médio completo (EM), todos os jovens pesquisados ou já terminaram o EM ou cursam o último ano desse nível de ensino. Ademais, buscaram um cursinho popular cujas aulas, aos sábados, possam ajudá-los a enfrentar os exames vestibulares.

Não obstante, essa mobilização sofre os limites dos volumes modestos de capital cultural e econômico acumulado por essas famílias: aqui começamos a encontrar os efeitos das propriedades estruturais comuns à posição objetiva da classe trabalhadora.

Muitas vezes, essa mobilização, a despeito de seus resultados inegáveis, se revela como 'desajeitada' e dotada de baixas probabilidades de franquear acesso a cursos e instituições socialmente prestigiadas. Pois, quando logram acesso à universidade, este dá-se nas instituições privadas, de baixo prestígio, ou nas carreiras menos concorridas das universidades estaduais recentemente implantadas em São Paulo³.

Os condicionantes que destacamos nos pontos 1, 2 e 3 consubstanciam os baixos volumes de capitais cultural e econômico acumulados por essas famílias. Esses volumes baixos restringem, em primeiro lugar, a escolarização desses jovens às precárias escolas públicas dos bairros periféricos de São Paulo em que habitam, seja por falta de condições financeiras para o pagamento de escolas particulares em seus bairros, seja por falta de informações sobre melhores opções de escolarização no sistema público.

Em segundo lugar, esses condicionantes delimitam, como apontados nos pontos 4 e 5, padrões de lazer e de consumo cultural - durante a infância e adolescência - que nunca ou raramente constituem-se, ao contrário de seus pares de classe média, em oportunidades extraescolares de acumulação de capital cultural, através de cursos extraescolares (principalmente, os de idioma), de viagens, de idas a museus, da relação familiar com a leitura, de livros infantis e juvenis, ou das revistas e jornais, nunca ou raramente consumidas pelos pais.

Em outras palavras, enquanto a infância e a adolescência da classe média são marcadas pela combinação entre o consumo da cultura de massa infanto-juvenil e as múltiplas oportunidades de aprendizado extraescolar, a infância e adolescência da classe trabalhadora são marcadas pelo consumo dessa mesma cultura, porém sem as mesmas oportunidades de aprendizado extraescolar de que dispõe a classe média.

Destaca-se, nos relatos dos entrevistados, o peso da sociabilidade infanto-juvenil junto aos primos e amigos do bairro, através de longos e costumeiros períodos sem a intervenção ou supervisão de um adulto, diferentemente da sociabilidade infanto-juvenil da classe média que se desenrola, boa parte dela, em atividades organizadas por adultos nos cursos extraescolares de finalidade pedagógicas, culturais ou desportivas.

Por fim, os recursos econômicos limitados das famílias, de um lado, e, de outro, as pressões de consumo originadas da estilização da vida e do investimento no mercado sexual-afetivo, segundo os enquadramentos da cultura juvenil, conduzem os jovens da classe trabalhadora ao mercado de trabalho, ainda durante o ensino médio, mesmo nos casos em que os pais opõem-se à ideia dos filhos começarem a trabalhar nessa idade. Mais cedo do que seus pares de classe média - na verdade, no momento crucial para a preparação dos jovens aos exames vestibulares - os jovens da classe trabalhadora estreiam no mundo do trabalho, tendo assim que dividir seu tempo entre educação e trabalho desde o ensino médio.

Alguns casos individuais apresentam-se como representantes exemplares da realidade sociológica mais ampla da classe que busquei descrever. Para esses casos, a noção bourdieusiana de habitus como sistema unificado e coerente de disposições esclarece perfeitamente a produção social

³ Isto é, nas carreiras de ciências básicas e de educação da UFABC e Unifesp, universidades estaduais de menor prestígio e tradição que as universidades estabelecidas como USP, UNICAMP, UFSCar e UNESP.

desses agentes a partir de um processo de socialização transcorrido em espaços sociais e institucionais homólogos entre si.

Neste sentido, exporei brevemente o caso de Fernando. Ele foi criado pelo avô, migrante do interior do estado e trabalhador manual, e pela avó, costureira. O único traço que o desvia da experiência coletiva de sua classe é o fato de que estudou em uma escola particular de seu bairro, na periferia da zona norte, até a 7ª série. Foi evasivo quanto aos motivos de sua saída, tendo sido transferido para uma escola pública da região, onde se graduou.

Como hábitos de lazer infantil e juvenil, relata primordialmente a sociabilidade infanto-juvenil nas ruas de seu bairro, caracterizada por atividades como jogar bola, empinar pipa e correr. Os únicos cursos extraescolares que realizou foram cursos profissionalizantes, de curta duração oferecidos pela prefeitura, durante seu ensino médio.

Já àquela época, ingressou no mercado de trabalho, tendo sido contratado, sem registro formal, numa empresa “fundo de quintal”, como descreve, onde realizava entregas e serviços de mecânica. Aos 18 anos, serviu na Aeronáutica, lá permanecendo durante dois anos até o momento de realização da entrevista. Fernando considera que a experiência militar é um elemento de distinção em seu currículo, vantajosa para a busca de emprego no setor privado, uma vez que atestaria sua moralidade e a seriedade.

No ano anterior à entrevista, ele havia sido aluno do cursinho, logrando ingressar no bacharelado de curta-duração em Gestão Financeira, pela Uninove, uma das universidades privadas de São Paulo que integra o grupo das instituições de baixo prestígio acadêmico. Desde seu ingresso na universidade, relata a intenção de abandonar o serviço militar assim que encontrar um estágio na área. No momento da entrevista, ele estava há três meses enviando currículos via Internet, tendo sido, até aquele momento, chamado para entrevistas em empresas de pequeno porte, próximas de sua residência, para oportunidades de emprego que, mesmo sob a insistência do entrevistador, ele pouco especificou.

4. As variações dos casos singulares: um patrimônio de disposições heterogêneas a partir da “escolarização privilegiada”

Para a realização da análise anterior, foi necessário ignorar, por um momento, as variações e especificidades dos casos singulares. Agora é o momento de retomá-las a partir da reformulação crítica do conceito de habitus, proposta por Lahire, segundo a qual o habitus aparece como patrimônio múltiplo, quando não contraditório de disposições, constituído ao longo de trajetórias de socialização que atravessam espaços sociais e institucionais marcados por alguma heterogeneidade entre si. A partir da experiência nesses espaços, os indivíduos constituem-se e são constituídos por trajetórias de socialização em que as experiências de socialização primária (fundamentalmente, aquelas desenroladas no seio da família) contrastam-se experiências posteriores de socialização secundária (seja na escola, no trabalho ou redes de relações etc.)

Nas questões próprias à área de sociologia da educação, as inflexões mais relevantes da experiência coletiva da classe trabalhadora são, previsivelmente, deflagradas pelo ambiente escolar, ou seja, por um processo de escolarização que não se apresenta como uma experiência típica da classe referida.

Deste modo, uma escolarização ‘privilegiada’, quando comparada ao destino coletivo da classe, consubstancia-se, obviamente, na incorporação de disposições ao trabalho escolar e à hábil manipulação da cultura transmitida pela escola, principalmente em suas formas escritas, que, como vimos, não são modulares da experiência da classe trabalhadora.

Para além dessas constatações mais óbvias, a escolarização privilegiada também pode se desdobrar em: 1. uma visão mais bem informada sobre as alternativas do sistema escolar, 2. na possível inserção em uma rede de relações com jovens e professores de outras extrações sociais,

potencialmente acarretando 3. uma outra forma de estilização de si e sua visão de mundo - através de outros padrões de lazer e consumo cultural e, inclusive, de mobilidade urbana - e, por fim, 4. um outro modo de projetar as próprias possibilidades de inserção futura no sistema universitário e no mercado de trabalho.

Assim sendo, o jovem incorpora, a partir desse contraste entre as socializações primária e secundária, um patrimônio de disposições heterogêneas, potencialmente, mas não necessariamente contraditórias.

Deste modo, podemos apreciar como a perspectiva de Lahire é interessante não como tentativa de invalidar a ótica bourdieusiana, mas sim como recurso para complementá-la, ou seja, para tornar inteligível as possibilidades e as dinâmicas que modulam as variações individuais da experiência e do destino coletivo.

Para ilustrar como a mobilização da perspectiva de Lahire pode enriquecer a análise, exporei um caso singular de pesquisa, cuja especificidade é constituída a partir de uma escolarização privilegiada, experimentada desde os primeiros anos de escola, pelo sujeito da pesquisa.

Filha de um carteiro e de uma funcionária burocrática, de baixo escalão, nos Correios, Elena e seus dois irmãos estudaram durante todo o ensino fundamental em escolas particulares de seu bairro, algo que, segundo ela explica aos risos, rendeu algumas dívidas a seus pais.

Ela relata que isso teria exercido uma influência decisiva sobre sua trajetória, na medida em que, além de ser mais exigente e organizada que as escolas públicas de sua região, havia na escola em que ela estudara, o hábito de os alunos prestarem o vestibular de ingresso para o ensino médio nas ETECs⁴, assim que concluía o ensino fundamental.

Junto a suas colegas de escola, Elena prestou o concurso para uma das ETECs mais prestigiadas da cidade e foi aprovada, tornando-se uma das, segundo suas estimativas, 5 pessoas negras em um universo de 200 alunos.

Se, segundo seu relato, a escola particular em que estudara já havia lhe afastado das colegas de infância - vizinhas com quem brincava na rua - a experiência na ETEC terminou por desenhar uma fronteira intransponível face às mesmas. Pois, enquanto, essas colegas passavam, uma a uma, a engravidarem antes dos dezoito anos, sem nem mesmo aventar a possibilidade de ingressar no ensino superior, Elena passou a desejar crescentemente o ingresso na universidade estadual de maior prestígio do estado, a USP, objetivo que mobilizava toda sua rede de amizades na ETEC.

Junto a seus amigos da ETEC, igualmente, ela passou a frequentar a região da Avenida Paulista, ou seja, o principal foco de cultura da cidade, visitando exposições, museus e cinemas de arte. Gradualmente, começou a abandonar a ideia de cursar Direito, movida pela perspectiva - como ela própria manifesta - de ascensão social, já que “minha família é de origem humilde”, para a aspiração em cursar Letras. A mudança é atribuída a seu gosto crescente, ao longo do ensino médio, por literatura brasileira e a perspectiva de se tornar professora, com intuito de transmitir essa cultura literária de uma “forma interessante”.

Mesmo combinando um emprego de meio-período com o último semestre de preparação para o vestibular da USP, Elena foi aprovada no curso de Letras da instituição. No momento da entrevista, ela estava encerrando seu primeiro semestre no curso, afirmando ter se adaptado sem dificuldade à rotina e às modalidades de estudo exigidas pela universidade. Igualmente, ela já havia começado a estagiar em uma escola particular, acompanhando alunos com dificuldades em Português e dando aulas particulares da língua a uma estrangeira.

⁴ Escolas técnicas estaduais que, em geral, combinam o currículo do ensino médio a cursos técnicos. Possuindo uma infraestrutura física, regimes de contratação de professores, carga horária e recursos diferenciados face às escolas públicas comuns, essas escolas oferecem uma possibilidade de cursar o EM em ramificações mais prestigiadas e de maior qualidade do sistema estadual de ensino.

A incorporação das disposições para a fruição e a apropriação da cultura legítima coincide, na trajetória de socialização de Elena, às disposições e inclinações afetivas que lhe foram inculcadas através de sua socialização primária e que se refletem no respeito, na admiração e na alegria com que fala de seus pais e da sociabilidade geral com sua família estendida (tios e primos).

O caso de Elena consubstancia, portanto, uma clara ocorrência do habitus enquanto patrimônio de disposições heterogêneas. Não obstante, a heterogeneidade dessas inclinações pré-conscientes à ação não parece se desdobrar em contradições entre as mesmas, nem em situações conflitivas entre os espaços ou as pessoas próximas a ela que representam a internalização desses diferentes princípios de socialização. Aqui, podemos aventar a hipótese, a ser eventualmente explorada por outros estudos, de que habitus cingidos em diferentes princípios de socialização, nem sempre serão habitus em conflito interno entre esses princípios: seus portadores podem adquirir as competências sociais necessárias para ativar ou desativar disposições conforme transitam de um espaço social a outro. Contudo, essa é tão-somente uma hipótese, que não pode ser afirmada mediante a referência a uma única ocorrência.

5. Conclusão: uma articulação complementar entre os níveis macro e micro sociais da análise

Quem se detém sobre as árvores, jamais alcançará uma visão sobre a floresta: foi precisamente neste sentido que busquei defender a perspectiva bourdiesiana para a construção analítica da realidade sociológica mais ampla da classe. Igualmente, argumentei que os casos singulares de pesquisa marcados por trajetórias de socialização transcorridas em espaços sociais e institucionais homólogos entre si podem ser satisfatoriamente compreendidos pela noção ortodoxa de habitus avançada por Bourdieu, desde as décadas de 1960 e 70.

Contudo, uma vez alcançada a visão totalizante sobre a floresta, é útil retornar a suas árvores, isto é, à especificidade e concretude dos casos individuais, com o fito de tornar inteligível as possibilidades e dinâmicas de individualizações do destino coletivo de uma determinada classe, em um determinado momento histórico. Esse retorno pode ser produtivamente orientado pelo projeto avançado por Lahire de uma “sociologia dos indivíduos”, interessada em compreender a produção social de um agente específico. Como busquei explicitar, esse projeto investigativo reveste-se de especial interesse ao pesquisador conforme ele encontra casos de pesquisa, cuja trajetória de socialização atravessa espaços sociais e institucionais regidos por princípios de socialização distintos entre si, tendendo, desse modo, à constituição do habitus menos como sistema unificado e coerente de disposições e mais como, segundo a fórmula de Lahire, como patrimônio de disposições heterogêneas e potencialmente, embora não necessariamente, contraditória.

Portanto, busquei constituir neste artigo uma proposta de articulação complementar entre as perspectivas de Bourdieu e Lahire, que alarga o alcance explicativo da análise a captar tanto a realidade mais ampla da classe, quanto às possibilidades de individualização de destinos sociais existentes em seu interior. Sendo assim, a articulação entre as perspectivas dos referidos autores revela-se⁵ mas como uma possibilidade de endereçar o clássico desafio na sociologia de articulação entre os níveis micro e macro sociais da análise.

⁵

Referências

ARELARO, L.G *et al* (org.) (2012) **Às portas da universidade: alternativas de acesso ao ensino superior** São Paulo: Xamã, 2012.

BOURDIEU,P. (1990) **The Logic of practice** Stanford: Stanford Press, 1990.

LAHIRE, B. (2002) **O homem plural: os determinantes da ação** São Paulo: Editora Vozes, 2002

_____. (2004) **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais** Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. (2006) **A cultura dos indivíduos** Porto Alegre: Artmed, 2006..

SOUZA, J. (2012a) **A construção social da sub cidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica** Belo Horizonte: UFMG, 2012.

_____. (2012b) **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2012.